

Yanci Ladeira Maria
Universidade de São Paulo



Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Física da Universidade de São Paulo (2016), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana (2011) e bacharel e licenciada em Geografia também pela USP. Suas pesquisas abordam o conceito de paisagem a partir da sua relação com a ciência e a dicotomia entre cultura e natureza, propondo uma reconceitualização deste conceito a partir da perspectiva da trajetividade.

CV: <http://lattes.cnpq.br/7123462790006058>

E-MAIL: yanciladeira@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2383-3879>

Ensaio sobre habitar

RESUMO: Este ensaio procura refletir sobre o habitar como relação entre a humanidade e a superfície terrestre que nela deixa marcas e é marcada por ela. Compreendendo que habitar não acontece isoladamente, mas sim num emaranhado de fios de pontas soltas e se tece tecendo o mundo num conjunto entre seres, coisas e ambientes. E propõe as relações de cuidado e manutenção como necessárias ao habitar, não apenas para a conservação do mundo habitável, mas influenciando nas suas potencialidades e devenir.

PALAVRAS CHAVE: HABITAR, ECÚ-
MENO, CUIDADO.

Essay on living

Abstract: This essay intends to reflect on living as a relation between humanity and the land surface where it lives, remarking how one is affected by the other. Understanding that inhabiting does not happen in isolation, but in a coexistence of beings, things and environments. In this perspective, care and maintenance relationships are considered as fundamental matters of living, not only for the conservation of the habitable world, but also influencing their potential and becoming.

KEYWORDS: TO LIVE, ECOUMENE, CARE.

Ensaio sobre habitar

Yanci Ladeira Maria
Universidade de São Paulo

1. *HABITAR É UMA GEOGRAFIA* (JEAN-MARC BESSE, 2013, P.8)

Conforme Jean-Marc Besse (2013), habitar é uma questão geográfica, ou melhor, é em si uma geografia:

Pois habitar é traçar linhas e desenhar superfícies, é escrever sobre a terra, por vezes com letras fortes e nela deixar imagens. Chamar-se-á isto *geografia*. E isto não é outra coisa senão transformar a superfície da Terra em um tipo de grande morada, em um interior universal. (BESSE, 2013, p. 10).

Nesse sentido apontado por Besse, habitar é grafar a terra ao mesmo tempo em que fazemos dela a nossa morada, é a geografia em ato no sentido dardeliano. Habitar é um ato permeado pela *geograficidade* – relação que liga a humanidade à Terra, que precede a geografia ciência.

O habitar acontece na relação entre os seres e a superfície terrestre. Relação esta que é inerente à própria existência dos seres e que transpassa os corpos e ambientes. Transpassar aqui poderia ser entendido como uma linha de costura unindo um e outro. Mas este ensaio busca uma reflexão que não reforce a união/separação entre um e outro, entre o corpo e o ambiente, entre o material e o imaterial. A imagem sobre a qual se pretende meditar, se pauta no fluxo entre um

e outro, mais precisamente no *vazamento* apontado por Tim Ingold (2012) entre os seres, o ambiente e as coisas. Assim o sentido de transpassar é aquele que borra o limite, vaza, transborda. E não aquele do que une o que está precisamente delimitado. A imagem apontada por Ingold é a de uma malha, uma trama de fios emaranhados cujas pontas estão soltas¹.

Assim, mais do que deixar traços na terra, habitar é tecer a Terra, é tecer o mundo. Para Besse (2013, p.8-9) habitar é um destino coletivo e uma experiência individual que se remetem à organização por vezes conflitiva da vida, ou seja, “à definição de um tempo, à medida de um espaço e à sua orientação geral”.

Habitar não é somente ser em qualquer parte, é ser-aí de uma certa maneira durante um certo tempo. Nós somos *habitando* (...) em nossas atividades cotidianas ou excepcionais, em nossos gestos, nossos hábitos, nossas maneiras diferentes de ser e estar (être) presente no espaço e de nele conduzirmo-nos, certamente, de nos deixarmos impregnar pelos lugares nos quais nós estamos regularmente. O verbo habitar se encarna nos “modos de vida”, mas também pode ser nos “momentos de vida”. (BESSE, 2013, p.10).

Conforme Besse, há um senso humano do habitar, que precede suas formas e seus conteúdos, assim como, todos os lugares possuem suas próprias qualidades, profundidades, memórias e ressoam em nós. Podemos dizer então, que as histórias humanas acontecem no habitar o mundo, são tecidas junto à tessitura do mundo.

A existência humana é terrena e é assim, pautada por esta relação, que se dá o seu habitar. Esta relação entre a humanidade

¹ Ingold se apoia na imagem de rizoma proposta por Deleuze e Guatarri na obra Mil platôs. Vol.1, São Paulo: Ed. 34, 2011 (2ª.ed brasileira).

e a superfície terrestre é chamada por Augustin Berque (1996) de ecúmena², aqui chamada de relação ecumenal que, conforme o autor, se estabelece de forma concreta no espaço e no tempo, quer dizer, em um meio e em uma história.

Dessa maneira Berque chama a atenção para o sentido que a história humana dá para a superfície terrestre, lembrando que os sentidos se diferenciam de acordo com as sociedades, que no trajeto entre o imaterial e o material, projetam seus modos de ver o mundo e ao mesmo tempo os inscrevem nele. Nas análises de Berque o foco está no trajeto, mas há, de certo modo, a delimitação bem marcada entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo. Todavia, o trajeto entre um e outro encontra-se na região fronteira, na área de trans-borda, que transborda.

Neste ensaio busca-se uma perspectiva aberta para o transbordamento de fronteiras, e o trajeto e a trajetividade apontadas por Berque são um bom início para começar a meditar a este respeito. A abordagem trajetiva, compreende o trajeto, o caminho que é reversível, uma incessante troca na interação e relação entre o físico e o fenomênico, entre o material e o imaterial, entre o ambiente, os seres, os corpos, o valores humanos, o agir e o pensar. Pretende-se iniciar uma conversa sobre o habitar que vá além das dicotomias que opõem as partes, abrindo o pensar

2 Ecúmeno é uma palavra grega que deriva do termo oikos (casa, lugar onde se habita) e, desde os tempos de Strabão e Ptolomeu, como nos lembra Besse (2013, p.72), é compreendido como o mundo humano ao qual caberia a geografia [ciência] “representar pelo nome, a descrição e o desenho cartográfico, a posição, a grandeza, a forma e os conteúdos”. Desta maneira, o ecúmeno era compreendido como a parte da Terra habitada pela humanidade, sendo definido por contraste às regiões virgens de presença humana. E diante da realidade atual em que a presença humana alcança, mais que o além-mar, para além do planeta (com os satélites, sondas e estações espaciais), Berque contemporiza o sentido de ecúmeno, que o autor prefere usar no feminino – ecúmena. Para maior aprofundamento no tema ver: BERQUE, A. Être humains sur la terre: principes d'éthique de l'écoumène. Paris: Galimard, 1996. e BERQUE, A. Écoumène: introduction à l'étude des milieux humains. Paris: Belin, 2009.

Capítulo 12

Ensaio sobre habitar
Yanci Ladeira Maria

para os trajetos, as ligações, e mais ainda, para as tramas que nas quais se tecem as relações.

Sob a ótica ecumenal, não faz sentido separar a humanidade da Terra, nem vice-versa, a Terra deve ser compreendida enquanto ela é habitada pela humanidade e a humanidade enquanto ela habita a Terra.

A noção de ecúmeno, originada de *oikos*, implica o habitar humano. Este, comparado ao habitar de outras espécies existentes, apresenta uma série de características particulares, que podemos resumir dizendo que é sempre e necessariamente, ao mesmo tempo, de ordem ecológica e de ordem simbólica. Ele é ecosimbólico. Ele implica uma apropriação ao mesmo tempo material e semântica da superfície terrestre, uma organização e uma interpretação do mundo, um ecossistema e um ethosistema (um sistema moral), uma viabilidade biológica e uma ordem axiológica (um conjunto ordenado de valores concretamente incorporados nas coisas), o qual se refere por fim a uma verdade que transcende este conjunto e que lhe dá sentido. (BERQUE, 1996: 79-80)

Assim, a relação ecumenal, e podemos dizer o habitar humano, implica em uma certa ética, porque todos os lugares são, sempre, carregados de valores humanos. Conforme Berque, quando agimos nós vivemos o sentido das coisas, não separamos os significados dos objetos concretos. A existência humana é como a das “coisas”: inserida na mediância de seu meio e imbricada dos sentidos de sua época. As práticas humanas se constituem no vínculo necessário entre o símbolo e a coisa (1996, p.80).

2. HABITAR É PIPA-NO-AR,

Dizer que habitar é pipa-no-ar é dizer que as coisas e os seres existem em relação umas com as outras e no e com o mundo, em meio a circunstâncias e dinâmicas, que elas não existem isoladamente e, desta forma, habitar se dá no meio deste conjunto.

Como apontado no início, o antropólogo Tim Ingold (2012) propõe a ideia de “malha”³ (*meshwork*) para pensar a cultura material e as relações de comunicação, integração e fluxos entre coisas. Ingold reforça a ideia de que não se deve “retirar as coisas do fluxo que as trazem à vida”. A vida das coisas se refere à compreensão destas em meio ao fluxo de substâncias no qual elas existem, para o autor, se as retiramos desse fluxo, elas são apenas objetos, e como tal estão mortos.

O autor propõe a retomada da noção de *coisa*, porosa e fluida, perpassada por fluxos vitais e integrada aos ciclos e dinâmicas da vida e do ambiente. É através da imersão das coisas nessas circulações que elas são, conforme ele, trazidas à vida. Para Ingold (2012, p.29 e 32) as coisas estão vivas porque elas *vazam*, transbordam das superfícies que se formam temporariamente em torno delas.

Assim como a coisa existe na sua coisificação, a pipa-no-ar existe no seu voo. (...). Poder-se-ia dizer o mesmo de um pássaro-no-ar, ou de um peixe-na-água. O pássaro é o seu voar; o peixe, o seu nadar. O pássaro pode voar graças às correntes e vórtices que ele introduz no ar, e o peixe pode nadar velozmente devido aos turbilhonamentos que ele causa com o movimento de suas nadadeiras e cauda. Cortados dessas correntes, eles estariam mortos. (INGOLD, 2012, p.33).

3 Em oposição ao conceito de rede e da teoria ator-rede de Latour, Law e Callon que Ingold critica por manterem e reproduzirem uma “divisão metafísica entre sujeitos e objetos (atribuindo a estes uma agência fetichizada) e ignorando a distribuição desigual de fluxos e sentidos ao longo da rede.” (INGOLD, 2012, p.25).

Um dos exemplos que Ingold traz para referir-se aos fluxos nos quais as coisas estão integradas é o exemplo de uma árvore:

Lá está ela, enraizada na terra, seu tronco se erguendo e seus galhos se abrindo, balançando ao vento, com ou sem brotos ou folhas, dependendo da estação. A árvore é um objeto? Em caso positivo, como a definiríamos? O que é árvore, e o que é não árvore? Onde termina a árvore e começa o resto do mundo? Essas não são questões fáceis de responder (...). A casca, por exemplo, é parte da árvore? Se eu retiro um pedaço e observo mais de perto, constatarei que a casca é habitada por várias pequenas criaturas que se meteram por debaixo dela para lá fazerem suas casas. Elas são parte da árvore? E o musgo que cresce na superfície externa do tronco, ou os líquens que pendem dos galhos? Além disso, se decidirmos que os insetos que vivem na casca pertencem à árvore tanto quanto a própria casca, então não há razão para excluirmos seus outros moradores, inclusive o pássaro que lá constrói seu ninho ou o esquilo para o qual ela oferece um labirinto de escadas e trampolins. (...) Essas considerações me levaram a concluir que a árvore não é um objeto, mas um certo agregado de fios vitais. É isso que entendo por coisa. (INGOLD, 2012, p.28-29).

Assim, habitar corresponde a inúmeras relações e co-participações que realizam a tessitura do mundo, no mundo onde os limites e fronteiras vazam, transbordam, constroem-se e se reconstroem constantemente e as possibilidades das formas estão abertas, guardando potencialidades que podem ou não se realizar. Como diz Ingold (2012, p.31-32) “*O mundo aberto pode ser habitado justamente porque, onde quer que haja vida, a separação da interface entre terra e céu dá lugar à mutua permeabilidade e conectividade.*”

Nós, seres humanos, habitamos o mundo conjuntamente a uma infinidade de seres vivos e coisas, partindo do nosso corpo, da nossa mente em relação porosa com este ambiente de seres e coisas que nos cerca, ou melhor, nos adentra e envolve. Esta relação pressupõe, como nos lembra Berque, sempre subjetivações.

Dessa maneira, o que se pretende reforçar é que habitar não existe de maneira isolada. Habitar o mundo é habitar conjuntamente, como mostrado no exemplo da árvore. É um “destino coletivo” que transcende às sociedades humanas, pode ser também uma “experiência individual” mas, sem retirar o indivíduo do emaranhado de fios no qual sua vida se tece.

Ingold diferencia o *ocupar* e o *habitar* o mundo, relacionando o primeiro aos objetos e o segundo às coisas.

Embora nós possamos ocupar um mundo repleto de objetos, para o ocupante os conteúdos do mundo parecem já se encontrar trancados em suas formas finais, fechados em si mesmos. É como se eles tivessem nos dado as costas. Habitar o mundo, ao contrário, é se juntar ao processo de formação. (INGOLD, 2012, p.31).

Assim, ocupar e habitar são termos que carregam em si filosofias e posturas diante do mundo, da mesma forma que as relações que se estabelecem com objetos ou aquelas com as coisas.

Há ainda, uma outra imagem trazida por Ingold que serve de apoio para o próximo ponto que se quer abordar – o do cuidado e da manutenção – tão necessários para se pensar sobre as maneiras que habitamos o mundo e às transformações que almejamos para este habitar. É a imagem da casa *real*, que o autor traz a partir de um depoimento do arquiteto português Alvaro Siza⁴.

4 SIZA, A. Architecture writings. Ed. A. Angelillo. Milan: Skira Editore, 1997, p.47.

A casa real nunca fica pronta. Ela exige de seus moradores um esforço contínuo de reforço face ao vaivém de seus habitantes humanos e não humanos, para não falar do clima! (...) A casa real é uma reunião de vidas, e habitá-la é se juntar à reunião – ou, nos termos de Heidegger (1971)⁵, participar com a coisa na sua coisificação. (INGOLD, 2012, p. 30).

Enquanto moradores, nós experimentamos a casa não como objeto, mas como coisa. (INGOLD, 2012, p.31).

3. HABITAR É CUIDAR E MANTER

O exemplo da casa também é trazido por Besse (2013) para discorrer sobre cuidado e a manutenção como aspectos importantes do habitar, que o autor traz a partir de uma reflexão sobre a arte *ménager* termo em francês que se refere à limpeza e arrumação da casa (*faire le ménage*). Aqui se podem reunir as ideias do habitar conjuntamente dando sentido às coisas e deixando marcas no mundo (marcas que participam do sentido que damos às coisas, ao mundo e assim ao nosso próprio habitar).

Habitar um mundo, não é simplesmente viver, mas poder inserir a vida em um sistema de coisas estáveis e que duram, e é poder compreendê-la em relação a um conjunto de obras cheias de sentido. Este mundo que nós habitamos e no qual nós não nos contentamos de somente viver, chamamos-o: uma casa. (BESSE, 2013, p.21).

Besse aponta para as relações de *manutenção* e *cuidado* como uma maneira de relacionamento com as coisas e com o mundo que se

5 HEIDEGGER, M. Poetry, language, thought. Trans. A. Hofstadter. New York: Harper & Row, 1971.

diferencia, e se pode acrescentar, como alternativa ao paradigma da *produção*⁶ como elemento determinante das condições materiais da vida social.

Toda ação não é criação, produção ou fabricação. Em outras palavras, todas as ações não consistem em produzir objetos pela transformação da matéria em função de um modelo pré-estabelecido ou de uma forma prototípica. Há outras formas de pensar a ação, outras maneiras de agir: manter (*entretenir*) é uma dessas maneiras. O que significa então a manutenção, como uma maneira de agir com as coisas e os seres? Qual é a extensão humana deste tipo de atividade? (BESSE, 2013, p.25).

Besse atenta para a permanência das coisas⁷ no ambiente. Nós nos inserimos num mundo onde coisas já existiam antes da nossa chegada, quer dizer que elas foram mantidas e cuidadas para que permanecessem existindo. Neste sentido, conforme o autor (2013, p.28) “manter é receber, conservar, e transmitir”. Manter e cuidar são atividades que não são exteriores ao meio no qual se desenvolvem, “Ao contrário, ela(s) se insere(m) no mundo, ela(s) participa(m) nele, ela(s) prolonga(m) o seu movimento”. Dessa forma Besse coloca a duração em oposição ao ciclo do tempo, ao qual é inerente o desgaste, o desaparecimento e a reposição.

6 De acordo com o antropólogo Philippe Descola (2005) o paradigma que coloca a produção como meio de transformação do mundo pertence ao Naturalismo Moderno e não está presente nos outros sistemas de relação ontológica entre humanos e não humanos descritos pelo autor em seu livro: *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard, 2005.

7 Besse, nesse trecho de seu texto usa o termo objetos.

Permanecer é durar, mas esta duração não é natural, pois o que é natural, ao contrário, é o desgaste, o desaparecimento, e a reposição. O que é natural é o ciclo do tempo. Durar é resistir ao desgaste. É conservar o objeto depois do uso. É manter para que ele não desapareça. Habitar é também uma questão de manutenção. Manter (*maintenir*) significa ter à mão (*tenir à la main*). Mas também, segurar firmemente. (BESSE, 2013, p. 21).

De certa maneira o autor coloca em lados opostos o cultural, ou, o não natural (o que é conservado e transmitido e, portanto, permanece) e o natural, e não é neste contraponto que aqui se pretende refletir sobre o habitar. Este ponto me remete ao debate, proposto pelo filósofo italiano Rosario Assunto (2011), sobre a temporaneidade e a temporalidade, onde o autor reconhece o ciclo temporal também por sua permanência, por seu tempo lento em que sempre se re-faz, ciclicamente, oferecendo à humanidade a permanência necessária para o reconhecimento do mundo. Enquanto a temporaneidade do mundo moderno num perpétuo e veloz movimento de destruição e construção obstrui o reconhecimento e sentimento de pertencimento ao mundo, cada vez mais objetificado e ocupado. Sob esta ótica, o cuidado e a manutenção necessários ao habitar se conciliam ao ciclo do tempo.

Besse também refere-se a Tim Ingold⁸ na distinção sobre *ocupar* e *habitar* como duas atitudes distintas e, neste ponto, manter e cuidar se acordam com a temporalidade:

(...) aquela que vê o mundo como um conjunto de lugares a ocupar, que ele [Ingold] chama ainda de a perspectiva da construção, e aquela do habitante, “*que, do interior, participa do mundo*

8 Tim Ingold. Une brève histoire des lignes, trad. S. Renaut, Paris, Zones sensibles, 2011, p.108.

em construção (en train de se faire) e que traçando um caminho de vida, contribui para a sua tessitura e sua malha” (Ingold, 2011 p.108). Habitar não é construir ou edificar, lembra ele a partir de Heidegger. É se colocar na temporalidade específica da manutenção, ou seja, nesta espécie de conversação muda que se tece ao longo de nossas relações cotidianas e ordinárias com o lugar onde nós vivemos. É se colocar em um *devenir* do lugar, mais exatamente, em suas linhas. (BESSE, 2013, p28,29).

A partir deste ponto Besse faz uma distinção interessante entre *ocupar* um lugar e *se ocupar* de um lugar.

Ocupar o lugar é preencher, por assim dizer, o espaço interior, considerado como disponível, à disposição. Se ocupar de um lugar, é consagrar tempo a ele, se preocupar com ele. É ser, de alguma forma, “parte integrante” de seus movimentos interiores e também de suas asperezas, de suas qualidades e de seus ritmos próprios: em outras palavras, é o arrumar (*c’est le ménager*). (BESSE, 2013, p.29).

Para o autor, *cultivar* é o termo que melhor recobre as atividades de manutenção relacionadas ao habitar. É possível encontrar nessa palavra e nas atividades designadas por ela a ideia do cuidado, da solicitude, da atenção. De acordo com Besse, cultivar é velar e preparar a terra, é mantê-la para permitir que ela possa dar aquilo nela está contido, para que possam se desenvolver os potenciais que ela esconde. E, ao mesmo tempo em que não se pode forçá-la, ela não pode ser negligenciada. Como em uma plantação (cultivo), é preciso liberá-la do que pode entravar o seu desenvolvimento, e, no entanto é necessário deixá-la crescer por si, ao seu tempo (BESSE, 2103, p.29,30).

Desta maneira, o cuidado e a manutenção ultrapassam a ideia de conservar podendo ser relacionadas às possibilidades e potencialidades, ao fios de pontas soltas que tecem o mundo, ao devenir e à abertura do futuro.

Habitar é cuidar deste “pode ser”, é se aplicar a este devenir, e é saber esperar que ele cresça, que ele venha. É uma arte de ação indireta. (BESSE, 2013, p.30)

4. HABITAR É LAÇO

Habitar acontece na relação e em relação com os lugares e os seres, coisas e ambientes que os compõe. Quando se diz relação, não significa que há apenas uma única relação, são inúmeras e diversas relações que acontecem em diferentes escalas (indivíduos, grupos, coletivos, nações, sociedades). E os mais diferentes modos de habitar, também estão em relação, ocorrem simultaneamente em um mesmo espaço: a Terra.

O laço entendido como aquilo que une, também pode ser cortado, separando as partes. E não é sobre esta imagem de laço que se tecem as relações entre a humanidade e a superfície terrestre e sim na relação ecumenal – a Terra enquanto ela é habitada pela humanidade e a humanidade enquanto ela habita a Terra – por mais que sua subjetivação sobre esta a torne objeto e se fundamente na separação.

REFERÊNCIAS

ASSUNTO, ROSARIO. A paisagem e a estética (1973). In: SERRÃO, Adriana Veríssimo. Filosofia da Paisagem – Uma Antologia. Lisboa: Centro de Filosofia Universidade de Lisboa, 2011a, pp. 341-375.

BERQUE, AUGUSTIN. Être humains sur la Terre. Principes d'éthique de l'écoumène. Paris: Gallimard, 1996.

BESSE, JEAN-MARC. Habiter. Um monde à mon image. Paris : Flammarion, 2013.

DARDEL, ERIC. O Homem e a Terra. Natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, tradução de Werther Holzer, 2015.

INGOLD, TIM. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. in: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.